

## **A MODERNIDADE E BAUDELAIRE: UM PASSEIO SOLITÁRIO EM MEIO À MULTIDÃO**

*Veronica Almeida Trindade* (UEFS)

[velmestradouefs6@gmail.com](mailto:velmestradouefs6@gmail.com)

*Rosana Maria Ribeiro Patrício* (UEFS)

[rosanapatri@gmail.com](mailto:rosanapatri@gmail.com)

*Aleilton Fonseca* (UEFS)

[aleilton50@gmail.com](mailto:aleilton50@gmail.com)

### ***1. Considerações Iniciais***

Com a nova conjuntura econômica trazida pela crise dos paradigmas no século XIX bem como pela relação capital/trabalho a partir da Segunda Revolução Industrial, o mundo mudou drasticamente e passou a ser regido por uma nova ordem social onde o advento da mecanização, das transformações políticas e ideológicas, da produtividade, passaram a ter uma maior relevância para a supremacia do cenário urbano.

Essas disposições modificaram não só a estética urbana com o “acolhimento” dos contingentes humanos oriundos do campo e de toda parte, mas, a própria maneira de percepção de mundo do indivíduo, desde seus valores e costumes à forma de conceber a realidade, linguagem, o “eu” e o “outro”.

Dessa maneira, o indivíduo em sua personalidade passou a ser apenas uma peça da cadeia produtiva, desindividualizado, distante de si e anônimo do resultado de sua atividade profissional.

Não havia mais lugar para uma poesia romântica e sublime nesse cenário de progresso e mudanças. Em tempos de produtividade de compra e venda de mercadorias, o poeta vê-se fora desse contexto e sente-se *deslocado*, “fora do mundo” entrou em crise existencial.

### ***2. A condição do poeta na modernidade***

Baudelaire é considerado, o “pai” da modernidade estabelecida a partir das dessas grandes transformações econômicas, políticas e sociais, ocorridas principalmente em parte dos Estados Unidos e em parte da Europa do Norte no século XIX. Esse poeta, “viu a modernidade acontecer”, é sem dúvida um ícone da poesia moderna que está situada entre a

decadência do estado de espírito romântico que deu lugar a percepção da complexidade da condição humana e da própria cidade em transição, objeto de reflexão do poeta moderno.

Em relação a condição de solidão em que vivia o poeta em crise no século XIX e sua busca desesperada por uma *pertença* em uma sociedade regida pelas políticas de economia e mercado Hyde (1989) afirma que

Assim isolado, o poeta se interioriza com uma interioridade desesperada, diferente da subjetividade romântica, e junta os fragmentos culturais que lhe dão uma sensação pessoal de pertença e um sentimento de que existe uma ordem, mesmo que pessoal. O poeta, pois, tem seu contexto cultural, mesmo que tenha que reinventá-lo constantemente”. (HYDE, 1989, p. 279).

Nessa perspectiva, em que o poeta sentiu-se “[...] condenado em uma sociedade tão convicta de sua salvação” conforme (HYDE, 1989, p. 277), ele resiste e expressa a multiplicidade da linguagem poética a partir do que vê e nesse sentido tenta exprimir a complexidade das relações urbanas.

*Deslocado e expulso* da metrópole, o poeta entrou em crise existencial, mas aos poucos procurou exprimir sua dicção lírica em uma voz dissonante que resiste e inscreve uma poesia de observação. Das ruas, do movimento dos carros, do olhar as multidões passarem apressadas, o poeta busca flagrar o instante e restaurar seu ofício lírico e sua *pertença* na metrópole. A poesia da experiência urbana sob o olhar do *flâneur* circunscribe a modernidade e as cidades ocupam posição de destaque como *locus* ideal da poesia e ficção. Nesse sentido, o poeta capta esse instante e o traduz conforme fragmento do poema “*A uma passante*” (A une passante) de Charles Pierre Baudelaire: “*Uma mulher passou, com sua mão suntuosa/ Erguendo e sacudindo a barra do vestido.*” (BAUDELAIRE, 2006).

Esse observador, o *flâneur* percorre as ruas da cidade e a modernidade é notadamente marcada pela contradição. Como vimos a princípio, o poeta moderno entrou em crise, viu-se isolado, fora do mundo, por que sua poesia não é um objeto que deveria ser vendido como coisa no mundo mercadológico. Segundo Aleilton Fonseca, “nenhuma palavra define melhor a condição do poeta no mundo moderno ocidental como essa, deslocamento.” (FONSECA, 2000, p. 45).

Assim, ao perder seu halo, o poeta moderno torna-se um observador em trânsito que procura a sua poesia nas ruas. É de olhar as multi-

dões dos grandes centros urbanos passarem apressadas que o poeta moderno percebe que precisa traduzir o que vê captar o instante e inscrever uma poesia que retrate o momento. Esse *fâneur* percorre as ruas da metrópole para instaurar a poesia da cidade.

Nesse contexto, o poeta só em meio a multidão ocupada e apressada, viu também uma multidão de solitários aglomerados na *urbe*. A temática multidão é notada em toda a obra baudelaireana mesmo indiretamente. Nessa perspectiva, o poeta tenta captar o instante que passa e precisa desesperadamente circunscrever sua poesia ali mesmo nas ruas ao observar as multidões solitárias, sendo o poeta também um andarilho mas não desatento, o poeta observador quer traduzir o que vê e sua poesia precisa brotar ali mesmo, no asfalto.

Já é sabido que no momento da explosão urbana em meados do século XIX se construiu as bases da poesia moderna, Baudelaire assistiu a “derrubada” da cidade velha e “perdeu” sua sensibilidade, mas na crise existencial, percebeu que não existia mais lugar para o mundo romântico e foi assim que surgiu a necessidade de uma nova poesia que traduzisse essa nova sociedade. Nasce uma poesia transcendente e efêmera caracterizando a modernidade.

O soneto “*A uma passante*” (*À une passante*) de Charles Baudelaire mencionado anteriormente é uma nuance da obra baudelaireana na qual percebe-se a instauração da poesia moderna e a passagem para um novo modelo de vida. O poeta instaura e circunscreve uma nova poesia, pois já não tem lugar para a poesia romântica no cenário de transformações emergentes: “*A rua em torno era um frenético alarido/ Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,*”. (BAUDELAIRE, 2006).

Esse poema refere-se “a uma mulher” que passa como passa o instante na movimentada rua da Paris moderna, “*toda de luto*”, a mulher representa a poesia romântica com suas “*pernas de estátua*” que passa e ao mesmo tempo dá lugar a poética moderna que encontra sua poesia em sua solidão, na multidão apressada, no cenário onde tudo se desmancha facilmente e passa, imagem perceptível na última estrofe desse mesmo poema: “*Longe daqui!/ tarde demais! /"nunca" talvez!/ Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste./ Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste.*” (BAUDELAIRE, 2006).

Dessa forma, no poema supracitado, ao observar o “eu” e o “outro”, a passagem da sacralização romântica para a dessacralização. Char-

les Baudelaire em sua posição de *deslocado*, de *expulso* e “fora do mundo”, traduz “o estar” na metrópole e como o homem “se vê” na cidade.

## 2.1. A modernidade efêmera e os solitários em meio à multidão

O mundo mudou e conseqüentemente a sociedade também, a velocidade trazia a urgência sendo preciso abandonar a poesia dos valores eternos, “o mundo ideal” dava lugar ao “mundo passageiro” e o poeta seria um cidadão no mundo frágil, perecível destinado ao descarte das coisas.

No poema “*As multidões*”, Baudelaire apresenta a percepção da condição humana bem como representa a condição da poesia moderna. Para isso é preciso sair da sua condição intelectual econômica para se tornar “um” com a multidão. Do recinto fechado, (contido), da etiqueta, o poeta antes ser divinal vai para a rua e vê a multidão apressadíssima. Agora o que era privilégio para nobre, que estava em “segredo” nos mosteiros seria divulgado para o povo. Vulgar deriva de vulgo, do povo, por isso divulgar, dá ideia de tornar público. O poeta ao perder sua auréola sai do seu conforto e tem que garimpar as preciosidades que constroem seu ofício lírico. Aos poucos, o poeta moderno passa a sentir-se privilegiado por usufruir da visão da multidão na rua, no asfalto da Paris moderna.

Não é dado a todo o mundo tomar um banho de multidão: gozar da presença das massas populares é uma arte. E somente ele pode fazer, às expensas do gênero humano, uma festa de vitalidade, a quem urna fada insuflou em seu berço o gosto da fantasia e da máscara, o ódio ao domicílio e a paixão por viagens. (BAUDELAIRE, 2006)

Nesse sentido, ao deparar-se com as massas, o poeta tem uma visão carnavalesca “*a festa de vitalidade*” matéria poética, desenvolve o gosto por ser vários, pela “*máscara*”, pela fantasia, por “*ser ele mesmo e o outro*” ou outros ao mesmo tempo.

O poeta goza desse incomparável privilégio que é o de ser ele mesmo e um outro. Como essas almas errantes que procuram um corpo, ele entra, quando quer, no personagem de qualquer um. Só para ele tudo está vago; e se certos lugares lhe parecem fechados é que, a seu ver, não valem a pena ser visitados. (BAUDELAIRE, 2006)

Cabe ao poeta moderno auscultar as multidões, captar o instante e exprimi-lo, pois é tradutor dos sentimentos individuais e principalmente coletivos. O poeta moderno é um homem itinerante, é o passeador solitário.

rio que goza de embriaguez, opera uma linguagem múltipla, largo *espectrum*.

Surge uma poesia dinâmica, diversa, multifacetária que comporta a ironia, a contradição e a intertextualidade, uma poesia visceral, crítica de si mesma, da vida, mas ao mesmo tempo necessária e o poeta não abre mão dela.

Nessa nova conjuntura, é necessário assumir-se ser poeta e homem, ser moderno na contramare da modernidade, para entender a precariedade. Ser poeta na modernidade é ser anônimo, mas que dialoga com as multidões. É ser ele mesmo e o outro, ser altero. Incógnito o poeta visualiza todas as perspectivas, ele deve revelar as experiências. Assim com sua percepção para além dos códigos (Baudelaire liberta o poeta dos códigos) a poesia liberta-se e trata de tudo, do horror, das prostitutas, da embriaguez, do podre, da morte.

Nesse sentido, a vida passa a ser representada nas vivências das situações. Não na castidade da alma e do comportamento. O poeta capta o momento por ser essa a poesia de representação.

Na modernidade poesia é ficção, o poeta é o ser que vê e está sempre em trânsito.

Baudelaire percebeu a vida moderna e a necessidade de dizer o mundo como filtro da experiência. O poema “*O albatroz*” sinaliza a percepção de Baudelaire sobre a condição de poeta como um ser *deslocado*, imagem da extrema ironia do poeta. No poema, há uma comparação do poeta ao albatroz, mas se a poesia não é mais o voo sobre todas as coisas, o poeta passaria a ser o albatroz com os pés no chão. Não mais um ser soberano, dessa forma, acabou o voo, a aura, mas agora seria um homem comum, toda percepção e glória voltaria depois contra ele. Em sua crise, era desdenhado, zombado. O poeta passaria a condição de danação, em sua essência era como um semideus, mas o “estar no mundo” com essa essência deixava-o inerte, o impedia de mover-se, não tinha lugar para essa sacralização.

#### O Albatroz

Às vezes, por prazer, os homens da equipagem  
Pegam um albatroz, imensa ave dos mares,  
Que acompanha, indolente parceiro de viagem,  
O navio a singrar por glaucos patamares.  
Tão logo o estendem sobre as tábuas do convés,  
O monarca do azul, canhestro e envergonhado,

Deixa pender, qual par de remos junto aos pés,  
As asas em que fulge um branco imaculado.  
Antes tão belo, como é feio na desgraça  
Esse viajante agora flácido e acanhado!  
Um, com o cachimbo, lhe enche o bico de fumaça,  
Outro, a coxear, imita o enfermo outrora alado!  
O Poeta se compara ao príncipe da altura  
Que enfrenta os vendavais e ri da seta no ar;  
Exilado no chão, em meio à turba obscura,  
As asas de gigante impedem-no de andar.

(Charles Baudelaire, *As Flores do Mal*, 2006)

### 3. *A perda do halo e visão das multidões em Baudelaire*

O poeta lê a cidade com espanto e ironia, mostra o belo e o feio, traz a ideia de efemeridade. Baudelaire carregado de material bruto de um contexto cultural frenético tenta auscultar as multidões e exprimir através de seus poemas imagens urbanas e as massas como abstração generalizada. A cidade em Baudelaire não tem realidade objetiva (janelas) é para fora da caverna.

Com uma visão das janelas, ampliam-se os ângulos para observação. Mas tudo depende de como se olha e como se ver. *Deslocado* o poeta torna-se um observador andarilho que vai às ruas buscar sua poesia, um *flâneur*. Vai à cidade ou se transporta a ela para contemplar o mundo “real” e também imagético, transitando entre a captação do instante e a projeção dele para o poema.

O poeta quer traduzir o que vê, e revela através de seus poemas o mundo com suas glórias e mazelas a fim de fazer sentido estar nesse palco da maior das construções humanas: a cidade. Mesmo sentindo-se *deslocado* da sociedade urbana-industrial, o poeta *expulso*, excluído, precisa representar a nova linguagem e engendrar uma *pertença* ainda que *deslocado*, e o faz através de uma voz (não individual) que não quer calar, que expressa o contexto urbano e a vida cotidiana, as multidões, em uma voz coletiva que reverbera o lugar da poesia na modernidade, que resiste tecendo e destecendo a complexidade humana, decifrada e imediatamente devorada nas cidades.

No poema “*A Perda da Auréola*” de Charles Baudelaire nota-se no diálogo do poeta insigne com um ser também anônimo, a extrema ironia em que o eu lírico trata a sacralidade do poeta (dessacralização) ao perder o halo comprovada no verso que segue: “Olá! O senhor por aqui

meu caro? O senhor nestes maus lugares! O senhor bebedor da quintessência e comedor de ambrosia! (...)”.

Nos versos, “bebedor da quintessência” / “e comedor de ambrosia” o eu lírico ironiza a condição do poeta “perdido” na metrópole, *expulso, deslocado*. No poema supracitado, o poeta moderno assume-se homem comum: “E eis-me aqui, igual a você, como você vê”.

Insigne já percebia o até então “não poético”, a sujeira, a lama, via e previa o caos móvel da modernidade.

(...) Agora mesmo, quando atravessava a avenida, muito apressado, saltando pelas poças de lama, no meio desse caos móvel, onde a morte chega a galope de todos os lados ao mesmo tempo, minha auréola, em um brusco movimento, escorregou de minha cabeça e caiu na lama do macadame (...).

Inaugurada a poesia da cidade, Baudelaire percebe o surgimento de novas ruas, o crescimento monstruoso que o fascina e o assusta, mas é de observar as massas, as multidões que esse poeta percebe também o inevitável caos, a cidade, seu esplendor e suas mazelas.

O poema “A uma passante” de Charles Baudelaire inscrito em “As flores do mal” transcreve a captação do instante pelo poeta andari-lho. Com ênfase para o olhar e captura do instante, traz a figura de uma mulher que (representa a Paris do sec. XIX), musa em meio à multidão apressada, surda e anônima. E essa condição do poeta, *deslocado e expulso* traduz o fascínio e a repulsa pelo novo contexto que se apresenta e define a modernidade. Na modernidade, não havia mais lugar para uma poesia clássica e seus conceitos eternizantes. O poeta se viu deslocado, fora do mundo, em crise na modernidade.

A panorâmica das cidades é destacada na poesia moderna de maneira latente com um esticamento da linguagem e um traçado cronométrico do cotidiano citadino marcado vezes pela louvação vezes pela ironia, pela contradição e pela efemeridade das coisas.

[...] a poesia moderna consegue exprimir simultaneamente o esgarçamento da linguagem, a mecanização, a padronização e planejamento cronométrico da vida e do cotidiano, a relativização dos sentidos, o achatamento do passado e o esvaziamento do futuro. Mas exprime também a potencialização da capacidade perceptiva, o adensamento da experiência temporal pelo efeito da aceleração, a interação holística de todos os elementos num conjunto intrincado e indissociável. (SEVCENKO, 1994, p. 64)

Charles Baudelaire conseguiu como ninguém traduzir sua época e trouxe o estabelecimento de uma poesia nova que lê e traduz o cotidiano

no instante, e tenta desestabelecer e estabelecer as relações entre os homens.

Para Calvino (1990, p. 11) “Minha confiança no futuro da literatura consiste em saber que há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode nos dar”. Nesse sentido, a literatura é um vasto campo de conhecimento no que diz respeito à paisagem urbana e natural, formação humana e cidadina por proporcionar uma multiplicidade de diretrizes que norteiem o pesquisador urbano e por possibilitar lentes para um aguçamento da visão das cidades por um veio e viés que lhe é inerente.

E é através das cidades que se capta um momento espaço/tempo, que se conta, cria e recria um momento que constituam o ambiente do escritor e também coletivo.

De acordo com o sociólogo Zygmunt Bauman, a respeito das relações espaço/tempo, “a história do tempo começou com a modernidade. De fato, a modernidade é talvez mais que qualquer outra coisa, a *história do tempo*: a modernidade é o tempo em que o tempo não tem história.” (BAUMAN, 2001 p.128-129). Para Bauman (2001), o mundo da modernidade com seus veículos os quais proporcionaram o encurtamento de distâncias e conseqüentemente uma maior possibilidade de viagens em menos tempo, trouxe mudanças no pensamento humano na sociedade e o tempo pôde ser manipulado, encurtadas as distâncias. “O tempo é diferente do espaço porque, ao contrário deste, pode ser manipulado; tornou-se um fator de disrupção: o parceiro dinâmico no casamento tempo-espaço.” (BAUMAN, 2001, p. 130). O tempo se tornou dinheiro, e para ampliar o espaço, o tempo mutável, teria que ser cada vez mais dinâmico já que a modernidade nasceu engendrada na aceleração e o espaço seria valor e o tempo a ferramenta para se adquirir a expansão espacial e eliminação de tempo desperdiçado.

Assim, com o advento da modernidade das coisas instantâneas a cultura se projeta a lugares inexplorados e muitas coisas aprendidas no passado perderam sua utilidade. No entanto, Bauman diz que:

A memória do passado e a confiança no futuro forma até aqui os dois pilares em que se apoiavam as pontes culturais e morais entre a transitoriedade e a durabilidade, a mortalidade humana e a imortalidade das realizações humanas, e também entre assumir a responsabilidade e viver o momento. (BAUMAN, 2001, p. 149).

Na modernidade, tenta-se rever através de trajetória pessoal compreender o presente e verbalizar. E isso fez o poeta da modernidade



Charles Baudelaire ao tentar entender e transmitir seu tempo e sua crise existencial.

Imagens dos escombros citadinos, são descritos através da linguagem do poema em seu arranjo lírico, repensadas na atualidade e também questionadas em relação ao local da cultura.

#### 4. *Considerações finais*

Dessa posição de *deslocado*, o poeta e a poesia aos poucos ergue-se com Baudelaire caracterizando a modernidade e suas nuances. E assim como a crise dá suporte para a renovação, a modernidade é intrinsecamente contraditória e efêmera.

Uma poesia que resiste em existir veste-se com uma nova roupagem. Surge, portanto uma voz ainda não ouvida antes, com um timbre capaz de elevar ao extremo sua altura. Nasce a poesia moderna ou da modernidade que através da crise existencial do poeta e do seu olhar atento, retrata o cotidiano citadino, o movimento das ruas, o barulho das máquinas, o flagra do instante, “o visível” e “o invisível” em um emaranhado de fios que constituem a teia da complexidade humana e também citadina.

Nesse esforço em “sobreviver”, o poeta muitas vezes se rebela contra a banalização da poesia em um mundo dos contratos de trabalho e da tecnologia em que as relações de produção e consumo ditam as normas preestabelecidas pela burguesia.

No entanto, assim como se rebelava, o poeta também louva as novas engrenagens tecnológicas, o progresso, o esplendor e “tentáculos” das cidades e seu avanço. Nesse veio e viés, nessa perspectiva de recusa e aceitação, a poesia moderna consegue exprimir o esgarçamento da linguagem, a mecanização, a ordem e a desordem, a complexidade da condição humana, do próprio ser expressa pelo “estar” na cidade, *locus* principal da ficção e da poesia moderna, cenário dos acontecimentos humanos palco principal para atuação do homem moderno.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDELAIRE, Charles Pierre. *As flores do mal*. Tradução: Ivan Junqueira. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRADBURY, Malcolm; MACFARLANE, James. *Modernismo: guia geral (1890-1930)*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

DIAS, Márcio Roberto Soares. *Da cidade ao mundo: notas sobre o lirismo urbano de Carlos Drummond de Andrade*. Vitória da Conquista: UESB, 2006.

FONSECA, Aleilton; PEREIRA, Rubens Alves. (Orgs.). *Rotas e imagens: Literatura e outras viagens*. Feira de Santana: UEFS/Coordenação de Literatura e Diversidade Cultural, 2000.

FONSECA, Aleilton. O poeta na metrópole: “expulsão” e deslocamento. In: \_\_\_\_; PEREIRA, Rubens Alves. (Orgs.). *Rotas e imagens: Literatura e outras viagens*. Feira de Santana. UEFS. Coordenação de Literatura e Diversidade Cultural, 2000, p. 45-48.

HYDE, G. M. A poesia da cidade. In: *Modernismo: guia geral (1890-1930)*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 276.

LE Goff, Jaques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão et al. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. Metrôpole: matriz da lírica moderna. In: PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.